

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALLAN DWAN
10 e 16 de dezembro de 2021

DRIFTWOOD / 1947

um filme de Allan Dwan

Realização: Allan Dwan / **Argumento:** Mary Loos e Richard Sale / **Direção de Fotografia:** John Alton / **Direção Artística:** Frank Arrigo / **Cenários:** John McCarthy Jr. e George Milo / **Guarda-Roupa:** Adele Palmer / **Música:** Nathan Scott / **Som:** Herbert Norsen / **Montagem:** Arthur Roberts / **Interpretação:** Natalie Wood (Jenny Hollingsworth), Walter Brennan (Murph), Dean Jagger (Steve Webster), Ruth Warrick (Susan Moore), Charlotte Greenwood (Mathilda), Jerome Cowan (Snyder, o "mayor"), H.B. Warner (reverendo Hollingsworth), Margaret Hamilton (Essie Keenan), Hobart Cavanaugh (juiz Beckett), Francis Ford (Abner Green), Alan Napier (Nicholas Adams), etc.

Produção: Republic / **Produtor:** Allan Dwan / **Cópia:** DCP, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português, 88 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Toda a sequência de abertura de **Driftwood** é formidável. Num ambiente nocturno e escuríssimo, num décor de uma austeridade quase "gótica", uma criança (Natalie Wood) e o seu bisavô, um velho pregador (H.B. Warner, que não é a única velha glória convocada para o filme de Dwan: atenção a Francis Ford, o irmão de John). Parece que o mundo vai acabar: no exterior, os elementos em revolta ecoam os últimos minutos do moribundo pregador, que morre em fora de campo enquanto a miúda lê da Bíblia aquela passagem que começa por "o Senhor é o meu pastor". Consumada a morte, a miúda põe-se ao caminho pela paisagem desértica (e sempre nocturna) do Colorado. Como na viagem dos garotos em **Night of the Hunter** (oito anos mais tarde) há animais selvagens (em imagens montadas presumivelmente a partir de "stock shots"), uma feérie de conto de fadas que se conclui – pequeno apocalipse – pelo despenhamento de uma avião ali mesmo à frente de Natalie Wood. Dos destroços do avião sobrevive um cão, imediatamente adoptado pela miúda, e logo a seguir passa um jipe cujo condutor (Dean Jagger) imediatamente adopta a miúda. A seguir vem finalmente um pouco de paz.

A paz de uma típica "small town" americana, mais ou menos idealizada, onde o essencial se vai passar. O filme começa a "alargar" aí, ao mesmo tempo que vai contando a ambientação de Wood à sua nova morada. O gosto de Dwan pela caracterização de lugares e personagens faz maravilhas, apresentando sucessivamente um conjunto de personagens secundárias que formam uma galeria riquíssima: Jagger, o médico que tenta que o mayor construa um hospital na cidade enquanto trabalha numa vacina para a "spotted fever"; Susan (Ruth Warrick), a prometida de Jagger; o mayor Snyder, obnócio e prepotente, que detesta Jagger tanto quanto gosta de

Susan; Walter Brennan, o dono do "drugstore" local, tão solteirão quanto Mathilda (Charlotte Greenwood), a tia de Susan, que tem as "lines" mais divertidas de todo o argumento. E assim por diante, dos pequenos (os miúdos, como o filho de Snyder, o "bully" do lugar) aos graúdos (Hobart Cavanaugh, o juiz, que será estrela da sequência do julgamento do... cão). Se o colorido das personagens e da sua descrição não fosse suficiente para atestar o génio de Dwan, podia-se acrescentar o pormenor, típico de um "action director" pragmático e com a escola do mudo, de todos os diálogos, dos mais simples aos mais importantes, nunca serem apenas "diálogos", campos/contacampos e etc, mas pequenas cenas de acção, as personagens estão quase sempre a fazer qualquer coisa enquanto falam (nem que seja a lida da casa, pendurar roupa, fazer o jantar), e isso dá uma vida incrível ao filme, num ritmo sempre dinâmico mesmo quando, aparentemente, não se passa nada e é só "conversa".

No seu idealismo, muito democrático, que nisso, juntamente com o ponto de vista infantil, também lembra o **Stars in my Crown** de Tourneur, **Driftwood** é uma pequena fábula, à escala de um cidadezinha perdida no Colorado, sobre o progresso e sobre a reacção, sobre a honradez e sobre a corrupção, e sobre a conciliação de termos que (ainda hoje, na parte da América que não deixou de ser "trumpiana" só porque o seu mentor perdeu as eleições) não são pacificamente conciliáveis: a ciência e a religião. A epidemia de "spotted fever" (que os dicionários traduzem por "febre maculada") e a procura de uma vacina pela personagem de Jagger lançam a questão do bem público – largamente ignorado pelo despótico e vaidoso mayor; mas o fervor religioso da pequena Natalie, que conhece a Bíblia de trás para a frente porque para ela aquele é mesmo "o Livro", acrescentando-se ao tema da ciência, põe a questão da sua adequação mútua, sem qualquer exclusivismo. Na noite crucial, quando a miúda está entre a vida e morte acometida pela febre, e o médico já lhe deu o medicamento providencial (o cão não é mero coadjuvante e para o final do filme revelar-se-á a sua importância), um pastor vem rezar por ela na sala ao lado. Ciência e religião não se misturam, existem em paralelo, em divisões contíguas – e maneira como Dwan filma o paralelismo e a contiguidade não deixa dúvidas sobre a intenção.

Fábula "democrática", peça de "americana" docemente progressista tanto quanto amavelmente conservadora, **Driftwood** é uma perolazinha onde tudo e todos está em estado de graça, de Dwan aos actores.

Luís Miguel Oliveira